

## RESENHAS

# Professores de surdos: educação bilíngue, formação e experiências docentes

 *Queila Pahim da Silva* \*  
*Rita de Cássia A. Abrantes dos Anjos* \*\*

**Resumo:** O livro *Professores de surdos: educação bilíngue, formação e experiências docentes*, é fruto de uma pesquisa que problematiza os saberes, as práticas e as experiências da formação dos professores de surdos e traz como ela tem sido feita. Além de mostrar a participação dos surdos em movimentos sociais em prol desse processo, a autora analisa, a partir de narrativas que contribuem para a discussão da atuação docente com pessoas surdas, como o projeto pedagógico pode contribuir para uma formação de fato igualitária. Essa obra é relevante para se fomentar o debate de como as comunidades surdas vêm fixando suas identidades por meio da diferença do uso da língua de sinais, e também para a discussão da importância da formação docente sob a perspectiva bilíngue.

**Palavras-chave:** Formação docente. Educação bilíngue. Professores de surdos.

---

\* *Queila Pahim da Silva* é bacharel em Turismo pela Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do RN, mestre em Turismo pela UFRN, doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. Contato: quepahim@gmail.com.

\*\* *Rita de Cássia A. Abrantes dos Anjos* é graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Albert Einstein (FALBE), em Administração Escolar pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), em Educação Inclusiva pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Contato: r.abrantes2@gmail.com.

A proposta da autora, com esta obra (Figura 1), é refletir sobre o campo da formação de professores de surdos, sobretudo no Estado do Espírito Santo, mostrando como ela vem sendo feita e quais motivos a impulsionaram. Vieira-Machado (2016) aponta que os movimentos sociais de surdos e a perspectiva da formação bilíngue influenciaram esse processo. Para além disso, a autora nos apresenta algumas narrativas que contribuem para a discussão, tanto no campo de professores de surdos, quanto no campo das pessoas surdas, indicando como o projeto pedagógico pode contribuir para uma formação de fato igualitária. Seu objetivo é “(...) discutir como as comunidades surdas vêm buscando fixar suas identidades por meio da diferença do uso da língua de sinais” (p. 26).

Sua obra é dividida em cinco capítulos: Contornos teórico-metodológicos desse trabalho: caminhos percorridos; Saberes-poderes: estratégias de sobrevivências em que o próprio lugar é flutuante; Educação bilíngue para surdos: atitude e contra conduta; (Per) cursos da educação de surdos no Estado do Espírito Santo: os principais cursos de formação na área de educação de surdos e: Afinal, quem somos nós, professores de surdos? Além da Introdução.

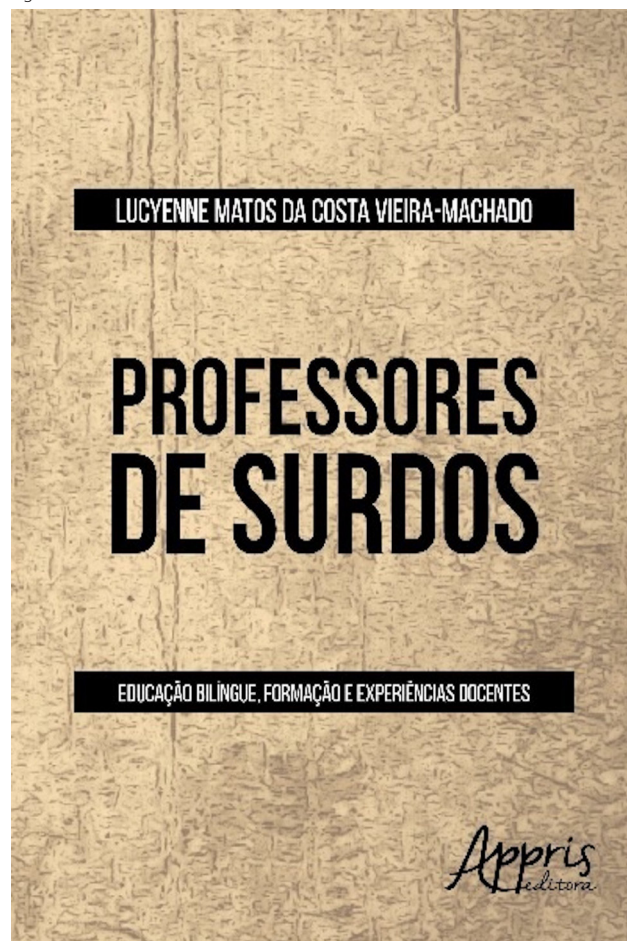
Em toda a obra, Vieira-Machado (2016) apresenta o campo teórico, a perspectiva metodológica e o campo epistemológico no qual ela enquadra seu pensamento que está conectado com a perspectiva de Foucault, sobretudo porque ela demonstra uma linha de pensamento que tem na pós-modernidade seu alicerce por acreditar que a formação de professores de surdos se dá em um contexto de sociedade pós industrialização, ou após o projeto de modernidade.

A autora explica que essa modernidade gera discursos e narrativas que são “perigosas” (p. 24) quando produzidos e ligados apenas a uma perspectiva. Ela acredita que a educação bilíngue está mesclada com a ideia de educação para todos, mas coberta de um princípio de exclusão.

Ela defende que o Ministério da Educação (MEC) sempre pautou a questão da educação bilíngue a partir da perspectiva da naturalização da diferença por meio da exclusão identitária – ela chamou de “banalização do potencial político da diferença” (p.25), e nesse momento ela afirma ter tido o *insight* ao se colocar a perceber esse lugar que reforça o nós, ouvintes em oposição ao eles, surdos, demarcando o lugar da identidade da diferença.

No primeiro capítulo, a autora está interessada, e o faz muito bem, em apresentar as perspectivas que direcionaram sua imersão neste campo de estudo por ser filha de surdos e atuar como professora e pesquisadora na área de educação de surdos. Sua pesquisa se iniciou, quando em diálogo com professores e discentes,

Figura 1.



Fonte: Internet.

percebeu que a formação de professores de surdos capixabas, “(...) poderia constituir saberes específicos que seriam úteis para a consolidação de uma educação bilíngue no Estado (...) e como esses professores se constituem professores de surdos” (p.36).

A autora opta por escrever em formato de ensaio por acreditar que esta forma de escrita permite maior participação e inserção de quem o escreve, mesmo sendo uma escrita colocada no lugar da personalidade. Ela se baseia no modelo proposto por Foucault, que apresenta quatro operações para um bom o ensaio: no presente, na primeira pessoa, a distância e escrevendo. Segundo a autora, a primeira premissa, condiciona a narrativa para um lugar na atualidade: “(...) o ensaio é um modo experimental de pensar o presente, é possível lidar com esse presente como experiência” (VIEIRA-MACHADO, 2016, p.38). O ensaio em primeira pessoa não se trata de uma escrita na primeira pessoa do singular, “(...) mas a relação do sujeito com a experiência que o transforma e o atravessa” (Idem, p. 38). No ensaio a distância, o sujeito se coloca, ele é “(...) um sujeito experimentador, que se expõe [com] crítica imanente, sem dogmatismo” e no ensaio escrevendo, para a autora, Foucault mostra a escrita como um lugar de ensaio que está estritamente ligada ao pensamento.

A autora expõe o método Foucaultiano que denomina ser a “prescrição de prudências” na análise de seus objetivos históricos de estudo ou precauções para analisar seus “focos locais”. Ela chamou de “foco de experiência” 1) Regra da imanência – focos locais de poder-saber: tendo a relação poder e saber como base para formação de professores (poder) e o movimento da militância (saber). 2) Variação contínua – busca a “distribuição de poder” e as “apropriações de saber”: quem deveria deter o poder e o saber na esfera das escolhas em políticas públicas? 3) Duplo condicionamento – não criar dois níveis descontínuos micro e macro e não homogeneizar a ponto de qualificar um como mero resultado ou miniatura do outro. 4) Polivalência fálica dos discursos – aqui, se trata de observar e considerar os múltiplos discursos que perpassam o foco local e considerar que eles não são uniformes e estáveis.

A autora afirma ainda que “um dos exercícios mais complexos foi justamente colocar em suspenso algumas verdades”, sobretudo porque a experiência perpassa todos os campos da formação desses professores. Ou seja, sua formação bilíngue se dá na prática, e por necessidade, mais do que por uma formação formal.

Pensar experiências é defendido como um conceito amplo e de compreensões variadas, tendo no sujeito, sobretudo professores, a parte fundamental das experiências. É proposta da autora relacionar essa perspectiva acerca de sua experiência com a educação. Ela deixa claro que tem como proposta firmar sua análise no campo da experiência dos docentes entrevistados em suas formações.

Segundo a autora, experiência não é informação, ela é “percurso, deslocamento ao que sei, do que me coloco, aos meus interesses” (Idem, p. 51)

É apresentado ainda neste primeiro capítulo, as cinco dimensões fundamentais para a produção e mediação da experiência de si, movidas pela necessidade de pensar formação com base nas experiências práticas. São elas: reflexão – o ver-se, o autoconhecimento como ferramenta; expressar-se – por meio da linguagem, de forma a entender outras maneiras de comunicação; narrar-se – no campo da estrutura da memória – aqui, ligado completamente ao tempo como resgate do tempo vivido; julgar-se – na experiência de si como fonte de conhecimento e dominar-se – pela estrutura de poder, pensar autonomia e liberdade própria.

O capítulo 2 se preocupa em explorar o campo da produção de narrativas acerca das estratégias de sobrevivência enquanto formação. Vieira-Machado explica que as narrativas surdas apresentam desconfianças na ordem que coloca os surdos ocupando um lugar de possível cura, entendendo a surdez como doença. E esse lugar provoca divisão entre os professores de surdos que se dividem em militantes – aqueles que compõem a busca por autonomia e discordam desse tipo

de discurso, profissionais que buscam cursos de libras na tentativa de suprir essa carência, ainda enquanto doença e os profissionais que se resguardam na sua experiência, negando novos modelos e propostas.

A autora esclarece que esse movimento provocou o reaparecimento de saberes e aliado a eles uma perspectiva crítica, chamada de “saberes das pessoas” ou “saber local” por Foucault, que leva a insurreição de saberes por entender que esse saber local é muitas vezes silenciado. Esses saberes, antes negligenciados, agora passam a ser negociados e os professores deixam de ser requisitados e ocupam outro lugar. Essa formação especializada começa a se fazer necessária para que a demanda seja suprida.

Em seguida, a autora mostra que a educação bilíngue no Estado do Espírito Santo apresenta três discursos que se acoplam e, mesmo com proposta distintas, fomentam e corroboram para a reflexão acerca da formação e da educação bilíngue, constituída com e a partir das práticas discursivas. Por isso, segundo ela, se faz urgente e necessário pensar no conjunto de práticas pedagógicas para a elaboração de um “corpo de expertise” que deve ser constituído não apenas por profissionais que ocupam o mesmo espaço de formação.

A autora aqui se questiona sobre o lugar que esse professor intelectual ocupa, como ele é, para que ele existe e como surgiu. Vale ressaltar que o papel do intelectual, como apresentado na obra, segue a perspectiva Foucaultiana, e consiste em fazer uma crítica, ou seja, produzir verdades no sistema de pensamento que se modificam, nesse caso, trata-se do saber da Libras – saber especializado. Esse saber especializado não sobrevive sem prática (teoria e prática fundamentam a perspectiva apresentada).

Na obra é apresentada dois tipos de intelectual, o universal que seria generalista, aquele que busca compreender a partir de uma perspectiva macro e o intelectual específico sendo aquele que age sobre problemas práticos e locais, e que tem um papel político fundamental bem definido. A necessidade de apresentar os dois tipos de intelectuais acima segundo Vieira-Machado é entender e explorar como e em que medida ocorrem as intervenções desses intelectuais.

O capítulo 3 nos traz a preocupação da autora em discutir a educação bilíngue como movimento de contra conduta e o conceito apontado como inventado que é o de sujeito bilíngue. A autora questiona qual é o lugar desse sujeito ressaltando a importância de territorializar essa discussão no campo da surdez entendendo o sujeito surdo como invenção dos movimentos atuais, sobretudo porque esse sujeito se encontra numa sociedade de controle, dos corpos e do pensamento.

A autora se utiliza das categorias de “literatura menor” e “literatura maior” desenvolvidas por Deleuze e

Guattari e desloca a ordem para “educação menor” e “educação maior” a partir da perspectiva aplicada na literatura. Deleuze e Guattari apontaram três características para o campo da literatura (menor e maior) readaptada pela autora para a educação: 1) Deteritorialização da língua – o lugar da libras enquanto língua, linguagem e identidade 2) A ramificação política – como ela é utilizada, aplicada e como influencia no coletivo (pessoas surdas) 3) O valor coletivo que é adquirido – força do coletivo.

A autora se utiliza dessas características para aplicá-las em educação na tentativa de compreender o local de cada política de educação e situa a educação maior na perspectiva macro, ligada a políticas públicas e políticas educacionais no âmbito social maior e a educação menor, voltada para as subjetividades locais, ou regionalizadas.

Na quarta parte do livro, vemos e compreendemos o percurso da educação de surdos no Estado do Espírito Santo e como surgiram os cursos, para quais finalidades e quem era atendido. A autora foca que o objetivo,

com este capítulo, é observar o “processo histórico em que a formação dos professores de surdos vai se constituindo localmente”.

Percebe-se nesse capítulo a importância que o oralismo teve na visibilização do surdo, contribuindo para o surgimento de escolas orais e auditivas (políticas efetivas muito recentes no Estado do Espírito Santo) e maior capacitação de professores e profissionais.

Na última parte do livro, a autora ressalta que, apesar da importância de apresentar as narrativas e diálogos registrados por ela, essa parte é apresentada com o intuito de visibilizar os discursos a fim de explorar o contexto. Ainda assim, para concluir, a autora, é categórica ao afirmar, também, que sua crítica é a proposta para com a educação bilíngue, sobretudo por entender que para um bom “Projeto Bilíngue”, é necessário a alfabetização de surdos e ensino de língua portuguesa, ampliação do conhecimento acerca da Libras, é importante pensar o currículo escolar, pois educação deve pressupor acesso e aprendizagem e é urgente discutirmos a educação infantil como um espaço bilíngue. ■

## Referências bibliográficas

VIEIRA-MACHADO, Lucienne, M. **Professores de surdos**: educação bilíngue, formação e experiências docentes. 1. Edição – Curitiba: Appris. 2016. 211 p..